

pensamentos malignos

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Em memória da minha avó,
que era uma força da natureza e sabia coisas.*

PRIMEIRA PARTE



TRAGÉDIA

*A ira é cruel e a cólera violenta,
mas quem é capaz de fazer face à inveja?*
— PROVÉRBIOS 27:4

*Dai palavras à dor. Quando a tristeza perde a fala,
sibila ao coração, provocando de pronto uma explosão.*
— WILLIAM SHAKESPEARE

CAPÍTULO UM



Para Thea, a melhor parte do verão começava na segunda semana de junho. O último dia de escola era assinalado com um grande coração vermelho e significava que ela podia começar a nadar e a chapinhar na piscina do quintal, que adorava. Podia andar de bicicleta e brincar com os amigos todos os dias. Embora já não lhe chamassem «brincar». Agora «passavam tempo juntos».

Afinal, ela tinha doze anos.

Thea adorava churrascos e os longos dias de verão, e gostava particularmente de não ter trabalhos de casa.

E todos os anos, cerca de uma semana depois daquele dia do coração vermelho, ela metia-se no carro com a mãe, o pai, o irmão mais novo, Rem, e a cadela da família, *Cacau*, para a longa viagem de Fredericksburg, na Virgínia, a Redbud Hollow, no Kentucky.

A mãe crescera lá, mas fora estudar para a Universidade da Virgínia, onde conhecera John Fox na primeira aula do primeiro dia de aulas.

E o resto, como costumavam dizer — ou como o seu pai costumava dizer —, era história.

Os pais haviam-se casado no verão seguinte ao segundo ano de faculdade, e dez meses, duas semanas e três dias depois, nascera Thea. Menos de dois anos depois, nascera Rem.

Agora o pai desenhava casas e a mãe decorava-as. A sua empresa, Fox & Fox Homes, ia muito bem.

Ela sabia das coisas. Os adultos achavam que as crianças não sabiam nada de importante, mas ela sabia. Sabia que os avós, pais do seu pai, eram ricos e snobes e que não tinham muito boa impressão da sua mãe — a rapariga do Kentucky Oriental.

No entanto, os avós paternos viviam em San Diego, por isso não os viam com muita frequência, o que para Thea era ótimo. Assim não tinha de ouvir a snobe da avó — que não permitia que lhe chamassem outra coisa — a pensar que a sua mãe ria demasiado alto ou que nunca deixaria para trás as suas origens apalaches.

Se se esforçasse, ela conseguia ouvir esses pensamentos, e quando tinha de visitar a avó, não conseguia evitar fazê-lo.

Ela pensava muito *alto*.

A avó e o avô não pareciam importar-se com o facto de John e Cora Fox serem felizes e até bem-sucedidos. Nem com o facto de viverem todos numa casa bonita, num bairro simpático; e nem com o facto de Thea e Rem (ou, como insistiam em chamar-lhes, Althea e Remington) serem excelentes alunos.

Mas a avozinha importava-se. Todos os domingos falavam ao telefone e, na época do Natal, a avozinha ia visitá-los na sua carrinha repleta de presentes feitos por si. Na maioria das vezes, os tios Waylon e Caleb também iam e faziam todos uma grande festa em família e a casa enchia-se de música, de luzes e dos aromas da comida de forno.

Era uma das épocas do ano de que ela mais gostava.

Mas a sua época preferida, ainda que tivessem de suportar uma viagem de sete horas, chegava em junho.

Partiam sempre de manhã bem cedo e passavam o tempo a jogar bingo na viagem. Rem costumava adormecer e às vezes ela também, mas soltavam sempre um grito de alegria quando entravam no Kentucky.

Paravam para comer carne de churrasco e bolinhos de milho fritos — era tradição. Thea estava faminta quando o faziam, mas desejava sempre que pudessem simplesmente seguir viagem para chegarem o quanto antes. Seguir por estradas que começavam a serpentear e a subir, por pontes que atravessavam rios impetuosos.

Thea adorava ver surgir as montanhas, aquelas colinas e cumes verde-escuros, que eram também um tanto azulados. Os planaltos e as saliências, as florestas e os riachos.

E quando se via no meio daqueles montes e cumes, onde a estrada serpenteava, tinha a percepção de que a sua bonita casa e o seu simpático bairro na Virgínia não tinham qualquer comparação.

Thea indagava-se como era possível a mãe ter deixado tudo aquilo e sempre que lhe perguntava, a mãe respondia: «Tinha de conhecer o teu pai, não tinha? Senão tu não estarias aqui a fazer-me essa pergunta.»

Mas ela sabia que era mais do que isso. Sabia que a mãe quisera aquela

bonita casa num bairro simpático. Sabia, no seu íntimo, que a mãe quisera deixar para trás as suas origens apalaches.

Thea não o verbalizava, senão a mãe ficaria com aquela expressão no olhar. A mãe não queria que ela soubesse das coisas, como quando o pai dizia: «Onde raio é que eu pus as chaves do carro desta vez?»

Mas ela sabia que ele as havia largado no balcão da cozinha e depois pousado uns papéis por cima, ainda que ela tivesse estado no exterior quando ele o fizera.

Assim, Thea sabia que, embora amasse a avozinha, a mãe queria mais do que a casa no vale e menos do que o que tinha deixado para trás.

Mas agora ela não pensava em nada disso, enquanto contornavam a vila montanhosa de Redbud Hollow, com as suas ruas íngremes e lojas como a Appalachian Crafts, onde a avozinha vendia os seus sabões, velas e outras coisas.

Porque enfim, finalmente, estavam quase a chegar. O Sol ainda brilhava intensamente. Através do teto de abrir, ela viu um falcão voar em círculos. Os veados deambulavam por aquelas florestas. Às vezes ela via veados perto dos quintais do seu bairro, mas não era a mesma coisa!

Era sempre a mãe quem conduzia o último troço da viagem, pelas estradas que havia calcorreado em criança. E quando dobraram aquela última curva, Thea viu a casa.

Pintada de azul como o céu, com portadas — autênticas — e os postes do longo alpendre dianteiro verdes como as colinas, a casa estava recuada em relação à estrada estreita e sinuosa. Azáleas e louros-da-montanha debruavam a fachada. Dezenas de garrafas coloridas pendiam dos ramos de uma árvore-de-judas.

Thea nunca a havia visto em flor, exceto em fotografias, por causa da escola, mas conseguia imaginá-la.

Nas traseiras havia um jardim com horta — flores, legumes e ervas aromáticas — e o galinheiro onde as «meninas» da avozinha cacarejavam e debicavam. A cabra *Molly* tinha um curral e a vaca *Aster* tinha dois pequenos campos, entre os quais a avozinha a mudava de poucos em poucos meses.

Havia um pequeno celeiro e um abrigo de jardim. Um ribeiro ziguezagueava entre eles e embrenhava-se na floresta.

E as montanhas alçavam-se em redor.

Duck e *Goose*, os dois cães de caça da avozinha, contornaram a casa a correr em direção ao carro.

Dentro do carro, *Cacau* levantou-se e começou a abanar a cauda e a ganir.

Assim que Thea abriu a porta, *Cacau* saltou para o chão e os três cães começaram a cheirar o traseiro uns dos outros para se reconhecerem.

A porta da casa abriu-se e Lucy Lannigan saiu para o amplo alpendre dianteiro.

Os seus cabelos pretos, que ela havia passado à filha e à neta, tinham uma espessa madeixa branca em forma de onda, desde o centro até à ponta, do lado direito. Ela também havia passado os seus olhos lápis-lazúli amendoados.

A sua figura esguia, de um metro e setenta e oito de altura, não passara para Cora, mas, a julgar pelo comprimento das pernas de Thea e de Rem, não falharia os netos.

Vestida com umas calças de ganga desbotadas e uma simples *t-shirt* branca, Lucy abriu os braços.

— Quantos consigo abraçar ao mesmo tempo? Vamos lá ver.

Como *Cacau*, Thea e Rem saltaram para fora do carro e correram para os braços abertos da mulher que cheirava a pão acabado de sair do forno.

— Mmmm! — disse Lucy, apertando os netos nos braços, antes de abraçar também Cora e John. — Agora o meu coração está a transbordar. Tenho todo o amor do mundo e mais algum aqui mesmo, no meu alpendre. Espero que tenham fome, porque fritei frango suficiente para um exército.

— Estou a morrer de fome — disse Rem, fazendo-a gargalhar.

— Posso sempre contar contigo para isso. Há limonada fresca para uns e uma ótima sidra para outros. Os vossos quartos já estão prontos, se quiserem guardar as vossas malas.

— Vamos a isso. — John beijou Lucy nas faces. — Depois aceito a tal sidra.

A casa cheirava sempre muito bem. Para Thea, cheirava a montanhas e boa comida, a ervas aromáticas e flores.

Ela só havia estado em casa da avozinha no verão, por isso nunca vira o fogo a crepitar na lareira da sala de estar, com o seu grande e velho sofá azul e poltronas cobertas com o que a avozinha chamava de «rosa de cem pétalas».

E a sala tinha também flores do jardim e flores silvestres das montanhas, as velas feitas pela avozinha e sempre as últimas fotografias escolares de Thea e Rem emolduradas.

O pai ajudou a carregar as malas para o piso superior e a mãe foi com a avozinha para a cozinha. Porque, como o pai sempre dizia, elas gostavam de ter um tempinho só para as duas.

Thea não se importou, porque teria duas semanas inteiras.

Ela adorava o seu quarto com vista para as montanhas. Embora fosse mais pequeno do que o de sua casa, ela também não se importava com isso.

Gostava da velha cama de ferro, pintada de um branco nevado, e da colcha coberta de violetas que a avó da avozinha havia feito. Malmequeres

brancos alegravam uma pequena jarra de vidro sobre o toucador. Embora o quarto tivesse um *closet* muito pequeno, tinha também aquilo a que a avozinha chamava «cômoda». Thea preferia-a a qualquer *closet*.

E gostava do facto de a mãe ter dormido naquele quarto em criança.

O quarto de Rem ficava mesmo em frente — o quarto de infância do tio Waylon — e os pais ficariam instalados no antigo quarto do tio Caleb. Havia um outro quarto, convertido em salinha de costura, e a avozinha tinha o maior de todos, com a cama de dossel que herdara.

A cama onde ela havia nascido.

Thea não conseguia imaginar tal coisa.

Como queria sentir que estava mesmo *ali*, desfez a mala enquanto ouvia Rem correr escada abaixo.

Depois de arrumar as roupas, o quarto tornou-se seu.

No piso de baixo, ela atravessou calmamente a sala de estar e depois a saleta, que tinha uma televisão antiga e um grande rádio ainda mais antigo. Tinha também uma poltrona e um sofá-cama, estantes com livros, uma cesta com lã e um relógio de cuco.

Atravessou depois a sala com o piano vertical, o banjo, a guitarra, o bandolim e o saltério.

Se lhe apetecesse, a avozinha podia pegar em qualquer um daqueles instrumentos e tocá-lo. Thea sabia que Waylon podia fazer o mesmo, não só porque a avozinha lho tinha dito, mas porque o tio levava sempre um banjo ou uma guitarra para tocar no Natal.

Além disso, ganhava a vida a tocá-los em Nashville, onde vivia. Caleb também sabia tocar, mas fora para a faculdade estudar teatro e representação, e assim, e era isso que fazia.

A mãe tocava às vezes, mas a avozinha dizia que o instrumento de Cora era a sua voz. E Thea sabia que era verdade, pois a mãe cantava como um anjo, sobretudo quando estava feliz.

Mas de todas as divisões da casa, a cozinha era a sua preferida.

Era enorme — uma das suas palavras favoritas do momento. Suficientemente grande para a mesa de carvalho maciço que o avozinho da avó tinha construído. Tinha um fogão de seis bicos que a avó havia comprado quando fizera algumas remodelações, mas não quisera desfazer-se da mesa.

Ela dizia que a mesa era o coração da sua cozinha, e que a cozinha era o coração da sua casa. Tinha muitos armários e balcões muito compridos, uma parede repleta de prateleiras com frascos, livros com receitas de família, potes de vidro com arroz, aveia, massa, farelo e feijão, frascos coloridos com beterraba em conserva, *pickles* e pimentos, manteiga de maçã e muito mais.

Na continuidade da enorme divisão, a cozinha de artesanato tinha um grande fogão, bancadas de trabalho robustas e prateleiras com garrafas, frascos e ferramentas. A avozinha cultivava ervas aromáticas em vasos nas janelas soalheiras e tinha algumas penduradas a secar.

Era aí que ela fazia as suas velas, sabonetes, loções e misturas com propriedades curativas, para o seu negócio.

Numa antiga despensa, a avozinha guardava um *stock* do que havia feito, caso quisesse oferecer um presente ou descesse alguém das montanhas para fazer troca de géneros.

Sempre curiosa, Thea abriu a porta e inalou todos os aromas enquanto contemplava as prateleiras.

Para si, a cozinha cheirava a um jardim plantado no paraíso: rosas e lavanda, alecrim e salva, balsamina e pinho, limão, laranja e relva recém-cortada.

A avozinha dera o nome Mountain Magic¹ ao seu negócio e, na opinião de Thea, ela fazia realmente magia.

Thea viu o bolo de maçã ainda embrulhado em cima do balcão e decidiu guardar espaço para a sobremesa depois do frango frito.

Lá fora, Rem já corria de um lado para o outro com os cães, enquanto os pais e a avozinha estavam sentados no alpendre traseiro com a sua sidra.

Pelas janelas abertas, ela conseguia ouvir os cães a ladrar, as galinhas a cacarejar e o riso da avó.

Esboçou uma imagem daquele momento na sua mente, uma imagem que pudesse recordar sempre que se sentisse sozinha ou triste com alguma coisa.

— Aqui está ela — disse Lucy quando Thea surgiu. — Serve-te de limonada antes que o Rem esvazie o jarro. Ser um menino de dez anos é um trabalho que dá muita sede.

— Ele precisa de correr para compensar o tempo que esteve fechado no carro. — A sorrir, Cora estendeu a mão e acariciou o braço de Thea. — Já te instalaste?

— Sim. Posso ir ver os animais?

— Claro que podes.

— Mais logo, tu e o Rem podem dar-lhes a refeição da noite. Vai lá. — Lucy deu-lhe uma palmadinha no traseiro. — Vai esticar essas pernas compridas. Nós chamamos quando for hora de jantar.

» Estão a crescer tão depressa — murmurou Lucy quando Thea se afastou a correr. — Ambos. Estou muito grata por mos confiarem todos os verões.

— Eles amam-na. — John agarrou no jarro e voltou a encher os copos de sidra. — Adoram estar aqui. E, não posso mentir, duas semanas sozinho com a minha mulher? — Piscou o olho a Cora. — É uma bênção.

¹ Magia da Montanha. (N. de T.)

— E voltarão para casa com meio milhão de histórias. — Cora recostou-se na cadeira de baloiço e relaxou quando o cansaço da viagem e a leve dor de cabeça que a acompanhava começaram a desvanecer-se. — A raposa que os cães afugentaram do galinheiro, o peixe que eles apanharam ou quase apanharam, a ordenha da vaca e da cabra, o velho de bengala que passou por cá em busca de uma pomada para a artrite.

— E — acrescentou John — trarão sabão artesanal que os ajudou a fazer e perguntar-nos-ão porque é que nunca comemos panquecas de trigo sarraceno ao pequeno-almoço.

— Eu amo-os loucamente. Um dia destes, o Waylon e o Caleb vão assentar e dar-me mais netinhos... já que vocês parecem ter fechado a loja.

— Saiu-nos a sorte grande com dois. — John fez-lhe um brinde.

— Bem, a meu ver, sem dúvida que sim. Espero que os meus filhos e as suas futuras mulheres sejam tão generosos como vocês e me deem tempo para ver esses bebés crescerem. É muito importante para mim.

— Nunca vamos conseguir convencer-te a mudares-te para a Virgínia, pois não, mãe?

Lucy olhou para as montanhas e sorriu simplesmente.

— Sou apalachiana, querida. Definharia se me plantassem noutro lugar. Bem, vou fazer uns biscoitos de leiteiro. Não, vocês ficam aqui — ordenou ela. — Fizeram uma longa viagem e eu não. Esta noite também vou mimar os meus miúdos adultos.

— Você mima-nos a todos, Lucy, e estamos-lhe gratos por isso.

Quando Lucy entrou na casa, John apertou a mão de Cora.

— Entra e vai lá falar com ela sobre o nosso acordo. Vê o que ela pensa enquanto os miúdos estão ocupados.

Cora anuiu com a cabeça e entrou.

Sentou-se na ilha da cozinha enquanto Lucy ralava manteiga congelada para dentro de uma tigela com farinha.

— Estás com cara de quem quer dizer alguma coisa.

— Pois quero, e achamos que é uma coisa boa. Espero que penses o mesmo.

— Sou toda ouvidos, minha querida.

— Sinto a tua falta, mamã.

As mãos de Lucy pararam por momentos e os seus olhos marejaram-se de lágrimas de emoção.

— Oh, minha querida filha.

— Sei que o teu lar é aqui e que eu construí o meu na Virgínia. Mas a distância não é assim tão grande, na realidade. Também sinto a falta dos meus

irmãos. Nunca pensei que isso pudesse acontecer — acrescentou ela, e Lucy riu-se.

— É verdade que eles não deixavam a irmã mais velha em paz. Mas amavam-te, tal como aqueles dois lá fora se amam. É normal os irmãos implicarem uns com os outros. Faz parte.

— Bem, nós fizemos a nossa parte, com certeza. O Caleb vai mudar-se para Nova Iorque.

— Ele disse-me. — Depois de misturar a manteiga e a farinha, Lucy guardou a tigela no frigorífico para refrescar uns minutos. — Tal como me disse que havia uma invenção moderna chamada avião, que ele podia usar para vir a casa, e que eu podia fazer o mesmo para ir visitá-lo, para que ele pudesse levar-me a ver um espetáculo da Broadway.

— É uma oportunidade que ele tem de fazer o que gosta e quer, mas não o veremos tanto como quando ele morava em Washington. E o Waylon está quase sempre em Nashville ou a viajar.

— O meu trovador.

— Mamã, tu sabes que a família do John... — Cora calou-se e olhou para o alpendre traseiro. — Eles não têm muito boa opinião a nosso respeito. Pelo menos, a meu respeito. E não se interessam pelos miúdos.

— Eles é que ficam a perder. — Lucy contraiu os lábios para evitar dizer algo que não devesse. — Sinto pena deles e dos seus corações fechados.

Pelo menos, esforçava-se.

— Aquele homem lá fora, que está a correr com os filhos depois de ter feito uma viagem tão longa? Se eu tivesse imaginado o marido perfeito para a minha filha e o pai perfeito para os meus netinhos, não imaginaria ninguém melhor do que John Fox. E é para mim um filho tão querido como os que dei à luz.

— Eu sei. Mais, o John sabe. E tu és mais mãe dele do que a própria mãe.

— Mais uma bênção para mim. Mais um motivo para eu sentir pena de quem não consegue ver a sorte que tem.

Cora levantou-se para se certificar de que John estava fora do alcance do ouvido.

— Sabes o que é que eles fizeram quando a Thea completou doze anos? Enviaram-lhe um postal com doze dólares lá dentro. Um dólar por cada ano. E, ainda por cima, chegou uma semana atrasado. Não é pelo dinheiro, mamã — acrescentou ela rapidamente. — Não nos interessa que tenham toneladas dele. Estamos todos bem. É que... o postal dizia «Feliz aniversário, Althea. Os teus avós». Só isso.

Lucy agarrou no seu copo de sidra e bebericou.

— Disseste à Thea para lhes escrever um cartão de agradecimento?

— Não foi preciso. Ela sentou-se e escreveu: «Queridos avós, muito obrigada pelo vosso postal de aniversário e pelos doze dólares. Espero que estejam bem. A vossa neta, Thea».

Lucy anuiu com a cabeça.

— Estás a educá-la bem.

— Como eu fui. Fiquei a arder por dentro, mamã, e o John ficou magoado. Ele tenta não ficar afetado com isto, mas não consegue. Não quero, nunca, que a nossa família se separe nem se torne descuidada desta forma.

— Isso nunca aconteceria, querida.

— Mas as pessoas têm as suas ocupações. Tu és uma pessoa ocupada, mamã; com a tua casa, o teu negócio. O Caleb e o Waylon são pessoas ocupadas e, como tu disseste, provavelmente vão formar as suas próprias famílias e ficarão ainda mais ocupados. Eu e o John estamos ocupados com a educação dos miúdos, com o nosso negócio. E, mamã, duas vezes por ano não é suficiente.

Cora andava de um lado para o outro, enquanto Lucy a observava e pensava: *minha menina inteligente e desassossegada*.

— Fizeste um bolo de maçã — murmurou Cora.

— Claro que fiz. É o favorito do John.

— Não sei porque é que coisas como um bolo de maçã e flores na mesa são mais importantes para mim agora do que quando eu era criança, nem porque é que esta casa é mais especial para mim agora do que quando eu aqui vivia.

— Tinhas os olhos postos no futuro, querias sair daqui, Cora.

— E tu deixaste-me. Um dia a Thea vai querer sair de casa e eu irei compreender o que não compreendi, o quanto custa deixar um filho viver a sua vida.

— Custa muito — concordou Lucy enquanto tirava a tigela e o leiteiro do frigorífico. — Mas o sofrimento é compensado pelo orgulho que sentimos ao ver esse filho crescer. E eu sinto muito orgulho da vida que construístes, Cora, da pessoa em que te tornaste. Muito orgulho.

— Não te valorizei o suficiente quando era criança.

— Ora, para com isso.

— É verdade — insistiu Cora enquanto via, como inúmeras vezes antes, a mãe abrir um buraco na mistura de farinha e manteiga ralada antes de verter o leiteiro. Sorriu e perguntou o que havia perguntado inúmeras vezes: — Porque é que mexes sempre com essa colher de pau, exatamente quinze vezes?

Os seus olhares cruzaram-se quando Lucy sorriu de volta e respondeu como havia respondido inúmeras vezes:

— Porque catorze é pouco e dezasseis é de mais.

— Eu não me dei conta, mamã, do quão duro foi para ti, especialmente depois de o papá morrer. O quanto tiveste de trabalhar para manteres um teto sobre a nossa cabeça e comida na mesa, para seguires com o teu negócio de modo a que tal fosse possível. Não dei o devido valor a isso porque tu fazias parecer que era... — Cora abanou a cabeça enquanto deambulava de novo pela ampla cozinha. — Não fácil, não era propriamente fácil... mas natural. Como era natural amares-nos, pões música a tocar, certificares-te de que fazíamos os trabalhos de casa e lavávamos os dentes... tudo isso era natural, era a vida. Como continuares a poupar, como fazias com o papá, para que pudéssemos ir para a universidade.

— O teu pai não queria os filhos nas minas. Ia lá para baixo para que eles nunca tivessem de o fazer. Ele queria, nós queríamos, que os nossos filhos tivessem uma boa educação e escolhas. — Lucy polvilhou o balcão com farinha, pousou a massa e enfarinhou a parte de cima, além do seu velho rolo de madeira. — As vossas escolhas, as vidas que estão a construir com elas, honram o vosso pai e os seus sacrifícios.

— E os teus, porque é evidente que também fizeste sacrifícios. Agora entendendo isso. Portanto, duas vezes por ano não é suficiente, não para a família.

Lucy estendeu a massa num retângulo, depois juntou as pontas e estendeu mais uma vez. Olhou de relance para a filha e voltou a fazer o mesmo.

— Tu tens um plano qualquer em mente.

— Sim, eu e o John. Gostávamos de vir cá mais vezes. Nas férias da Páscoa, no Dia de Ação de Graças.

Mais uma vez, as mãos de Lucy pararam.

— Cora, eu adoraria. Ficaria tão feliz. E tão, tão grata.

— Mas não é tudo. Sabemos que é mais difícil para ti viajar, tens de arranjar alguém para cuidar dos animais, mas se pudesses escolher só uma altura para ires passar uns dias connosco, ou com o Caleb em Nova Iorque, talvez pudéssemos todos ir até lá uns dias, ou a casa do Waylon, em Nashville. E os miúdos adoram estar aqui, e as duas semanas que lhes proporcionas são tudo para eles porque é o início do verão. Gostamos de os levar uma semana à praia antes do recomeço das aulas.

— Eles adoram essa semana. Trazem-me sempre montes de fotografias e de histórias.

Depois de dobrar e estender a massa pela última vez, Lucy mergulhou o seu cortador circular em farinha e cortou círculos de massa.

— Nós queremos que venhas connosco. Queremos que venham todos, se possível. Por isso alugámos uma grande casa de praia na Carolina do Norte. Uma semana em agosto. Levamos-te até lá num daqueles aviões modernos.

— De avião? Mas...

— Por favor, não digas que não. O Waylon diz que vai convencer a avó, e tu sabes que ele é capaz de convencer um homem sequioso a dar-lhe a sua última gota de água. Quase não a vemos desde que ela se casou com o Stretch e se mudou para Atlanta. Teríamos uma verdadeira reunião de família com os Riley, os Lannigan e os Fox. E se o tio Buck, a tia Mae e os primos quiserem vir... bem, alugamos simplesmente uma segunda casa para nos acomodar a todos.

Lucy nunca havia entrado num avião na vida — se bem que, com um filho a viver em Nova Iorque, contasse vir a fazê-lo.

E via, muito claramente, que isso era muito importante para a filha. A filha que sempre quisera sair de casa estava de regresso. De regresso à família.

— Bem, acho que é melhor meter estes biscoitos no forno e pôr a refeição na mesa para depois poder pensar em comprar um fato de banho.

— Mamã! — Cora soltou um grito de alegria e abraçou-se a Lucy. — Oh, as crianças vão ficar loucas de alegria quando lhes contarmos. Quero que tenham o que eu tive quando era criança e, que diabo, quero que o John tenha o que não teve.

— Então vamos pôr a mesa. Vamos chamá-los, para pararem com a brincadeira e virem lavar as mãos.

Regalaram-se com frango frito e salada de batata, feijão-verde e biscoitos de leiteiro. E Cora tinha razão: as crianças ficaram loucas de alegria.

Lucy estava de coração cheio por ter todos ali, a encherem a sua casa e a acumulá-la de felicidade.

A sua menina desassossegada tinha encontrado o seu âmago e chegado a uma altura da vida em que queria abri-la às pessoas e lugares da sua origem.

Ela havia ocupado um lugar na vida da filha, pensou Lucy, e recebia agora um convite para ocupar um lugar ainda maior.

Anos mais tarde, ela recordaria aquela simples refeição em família no início do verão e o som das vozes das crianças, tão alegres. Recordaria o riso nos olhos da filha e do puro contentamento nos olhos do homem que era um filho para si.

Recordaria a brisa que entrava através das janelas abertas e da porta de rede junto à qual, do lado de fora, os cães aguardavam pelas sobras.

Recordaria como o sol poente derramara a sua luz sobre as montanhas e o quão azul estivera o céu que as encimava.

Recordaria tudo isso e aferrar-se-ia a essas memórias com todas as suas forças.

CAPÍTULO DOIS



De manhã, Lucy preparou a massa para as panquecas de trigo sarraceno, outro prato favorito do genro. Já tinha *bacon* e salsichas prontos no forno e café feito quando John entrou na cozinha.

— Bem me parecia que tinha ouvido movimento lá de cima. — John passou as mãos pelos seus caracóis castanhos. — Ainda não consegui fazer a barba e a Lucy já alimentou as galinhas, recolheu os ovos, ordenhou a vaca e a cabra e alimentou os cães.

— Porque é que um homem precisa de fazer a barba numas curtas férias?

— Aposto como não tem férias, sejam curtas ou longas, desde o Natal. — John abanou a cabeça enquanto se servia de café. — Trabalha demasiado, Lucy.

— Adoro o que faço.

Naquele dia, Lucy tinha apanhado os cabelos numa trança e o genro acariciou-lha num dos seus habituais gestos de afeto.

— Vê-se. Sabe, olho para si e consigo ver que a Cora vai ficar cada vez mais bonita. Isso lembra-me a sorte que tive em sentar-me ao lado dela naquele anfiteatro no nosso primeiro dia de faculdade.

— E eu digo que a sorte não teve nada a ver com isso. Se existem duas pessoas destinadas uma à outra, são tu e a Cora. Agora senta-te ali e diz-me o que te vai na cabeça. Não preciso de olhar para ti para perceber isso.

— Queria dizer-lhe o quão importante é para mim que esteja disposta a viajar e a receber-nos aqui, quando sei que vai fazer precisamente o que está a fazer agora e não só. Vai preparar refeições grandes e espetaculares. A Cora andava ansiosa por voltar a casa nos últimos meses. — Ele sentou-se e suspirou levemente. — Foi aquele estúpido postal de aniversário com os doze

dólares que a deixou assim. A Thea não ficou nada afetada, mas também não espera nada dos avós. Eu também não esperava... mas a Cora? Ela alimentava a esperança de que eles se tornassem mais afetuosos com o tempo.

— Há quem não tenha afeto dentro de si.

— É bem verdade. — As palavras de John carregavam simples resignação. — Contudo, com os outros netos, são bastante afetuosos, generosos e razoavelmente atenciosos. Eles esperavam que eu me casasse...

— Com alguém da vossa posição social, ou da deles.

John encolheu os ombros.

— Não lhes interessa que nos amemos, que ela seja uma mãe maravilhosa ou uma excelente companheira de negócios. Ela esforçou-se imenso, Lucy, e nada importa para eles. Eu casei demasiado novo, com alguém que eles não aprovavam, por isso serei sempre uma decepção. Mas isso não me afeta.

— Mas afeta-a a ela.

— Em demasia, se quer saber a minha opinião. A filha da minha irmã tem a idade do Rem. Quando ela fez anos, eles compraram-lhe um cavalo.

— Um cavalo. Um cavalo de verdade?

— Exato. Ela tem aulas de equitação há quase um ano. Então eles compraram-lhe um cavalo. Esqueceram-se por completo do décimo aniversário do Rem, mas, por alguma razão, não foi isso que afetou a Cora. Foi aquele postal com os doze dólares. O desequilíbrio, o facto de ter finalmente percebido que os nossos filhos nunca serão importantes para os meus pais.

— Tudo isso faz-me pensar — Lucy virou costas para pôr a aquecer a grande frigideira de ferro fundido — como é que eles conseguiram educar alguém como tu, John.

— E às vezes eu pergunto-me se seria quem sou se a Cora Lannigan não se tivesse sentado ao meu lado e sorrido.

— Estava destinado — recordou-lhe Lucy.

— Estava destinado. — John brindou com o seu café e bebeu. — Ela deixou de se importar com o que eles pensavam ou sentiam, o que é um alívio para mim. E começou a sentir muita falta da mãe e dos irmãos, da relação que tinha convosco e que se esforçava demasiado para ter com eles. Tempo em família, laços mais fortes.

— Ela precisava de construir a sua vida antes de desejar verdadeiramente o que esteve sempre lá. Eu diria que estamos a oferecer um presente uma à outra. Bem, agora estou eu a ouvir movimento lá em cima. Vai chamá-los, enquanto eu trato destas panquecas.

Antes disso, John contornou o balcão para abraçar a sogra.

— Amo-a, Lucy.

— John. — Ela deu-lhe um beijo na face. — Tu és uma das luzes da minha vida.

Tomaram o pequeno-almoço na mesa da cozinha, como haviam feito ao jantar da noite anterior. As crianças ajudaram a lavar a louça, visto que essa seria uma tarefa diária durante a sua estadia, tal como fazer as camas de manhã, ajudar a tratar da roupa e a cuidar dos animais.

Como outrora haviam feito a mãe e os tios, ajudariam a sachar, a cortar a relva, a manter a casa limpa e a aprender a confeccionar alguns pratos simples.

Lucy entregou a John um recipiente com uma generosa fatia de bolo de maçã.

— Leva um pouco do sabor do Kentucky contigo.

— Sabe que sim. Muito bem, seus marotos, venham cá e finjam que vão sentir a nossa falta.

— Eu vou sentir a tua falta, pai. — Thea deu umas risadinhas e aninhou-se nos braços do pai. — Um bocadinho.

Ele riu-se, levantou-a para lhe dar um beijo e depois fez o mesmo com Rem.

— Não preciso de vos dizer para obedecerem à avozinha. — Cora apertou-os com força suficiente para os fazer guinchar. — Sei que o farão. Divirtam-se.

— Liguem-nos quando chegarem a casa — disse Lucy — para sabermos que chegaram bem.

Quando os abraçou, Lucy sentiu um aperto no estômago. Quando o aperto chegou ao coração, abraçou-os com mais força.

— Vou ter saudades vossas, muitas. — Obrigou-se a libertá-los. — Tenho estas duas pestinhas sob controlo, não se preocupem.

Entraram no carro enquanto acenavam e sopravam beijos. Cora olhou para trás quando arrancaram, depois virou-se e olhou em frente.

— Tu e eu, amor. — John olhou de relance pelo espelho retrovisor e sorriu para a mulher. — O que havemos de fazer quando chegarmos e tivermos a casa silenciosa e vazia?

— Acho que devíamos abrir uma garrafa de vinho e fazer sexo desenfreado. O sorriso de John alargou-se de orelha a orelha.

— Brillhante ideia.

Com uma criança de cada lado e três cães ofegantes, Lucy viu o carro afastar-se até desaparecer de vista.

Esforçou-se por se libertar do aperto que sentia no peito, olhou para os netos e citou um dos livros favoritos dos três:

— Vamos à festa!²

Thea soltou um grito de alegria e executou uma roda perfeita. Rem pôs-se a fazer guinchos de macaco.

Visto que iria escrever no seu diário naquela noite, Thea prestou atenção a tudo o que fizeram durante o dia.

Primeiro arrancaram as ervas daninhas da horta, porque o ar da montanha estaria menos fresco após o meio-dia. Quando se esqueciam do nome de alguma planta, Lucy ajudava-os a lembrarem-se com rimas.

— Tive um amigo chamado João.

Aquela era manjerição.

— Gosto muito de milho.

E aquela era tomilho.

Tornava tudo mais divertido, e usavam todos chapéus de aba mole.

Depois fizeram manteiga, melhor do que qualquer uma comprada na loja, com a nata do leite de *Aster*. E a Thea coube a tarefa de recolher o leiteiro para posterior utilização.

Lavaram ambos a manteiga em água muito, muito fria e depois moldaram-na — Rem não parava de dizer que era muito pegajoso.

E a avozinha separou um pedaço e adicionou mel para fazer uma pasta doce.

Ao almoço comeram sobras de frango e biscoitos com a pasta doce feita por eles.

Deram um passeio pela floresta e pelas montanhas com os cães. Lucy levou um *spray* feito por si para repelir ursos, caso fosse necessário. Mas não foi.

Pararam junto a uma casa que, na realidade, era uma espécie de cabana que até Thea conseguia perceber que já vira melhores dias. Um gato cinzento e magricela correu para cima de uma árvore e silvou aos cães do topo de um ramo, mas estes não lhe ligaram nenhuma.

Sob o descaído telheiro dianteiro estava sentado um menino, mais novo do que Rem, a brincar com um carrinho. Ele era o que Thea ouvira a avozinha chamar de «cabeça de estopa», por ter cabelo tão louro que era quase branco.

— Olá, Sammy. A tua mamã está em casa?

— Sim, dona Lucy. — Depois gritou: — Mãe! A dona Lucy está aqui.

Uma mulher apareceu à porta com um bebé sobre a anca e uma menina pequena agarrada à perna das suas calças. A menina tinha círculos vermelhos e escamosos nos dois braços.

— Boa tarde, dona Lucy. — A mulher passou a mão pelos cabelos, de um

² No original, *Let the wild rumpus start!*, referência ao livro infantil *Where The Wild Things Are*, de Maurice Sendak. (N. de T.)

louro mais escuro do que os do menino. — São os seus netos? Deus do Céu, a menina tem a sua cara.

— É o meu orgulho e alegria. Thea e Rem, digam boa tarde à dona Katie.

— Boa tarde — disseram em uníssono, enquanto Thea tentava não fitar aqueles estranhos círculos vermelhos.

— Ouvi dizer que a pequena Sharona estava com um problema.

— Apanhou tinha. Tenho tentado manter as manchas limpas. Também tem no couro cabeludo.

— Trouxe-lhe um sabão especial. É melhor usar isto. — Lucy tirou uma barra de sabão da bolsa. — Lave-lhe os braços e o couro cabeludo com isto e seque bem. É a humidade que ajuda a proliferar a doença, por isso seque bem com um pano limpo. Depois usa isto. — Estendeu-lhe um pequeno frasco. — Misture com um pouco de água para fazer uma pasta e espalhe-a até secar. É açafraão-da-índia — acrescentou — e não lhe fará mal nenhum. Deverá ajudar.

— Claro. Obrigada, dona Lucy. Não tenho...

— Não se preocupe com o pagamento. Da próxima vez que o Billy fizer a sua especialidade, envie-me um bocado. E se aquilo que eu lhe trouxe não curar esta menina bonita, avise-me.

— Com certeza. Fá-lo-ei. Tenho chá de nêveda a infundir ao sol lá atrás, se quiser entrar e beber uma chávena.

— Oh, soa-me muito bem, mas temos outras visitas para fazer. Vá lá lavar essa menina adorável. Depois dê-me notícias dela.

— Deus a abençoe, dona Lucy.

Quando prosseguiram, Lucy disse:

— A Katie perdeu o pai há uns anos, com a doença do pulmão negro, e perdeu a mãe no último inverno devido a uma pneumonia. É duro quando não temos com quem contar.

— Qual é a especialidade? — perguntou Thea.

— Ah, é o licor de mel. O Billy faz um licor ótimo. Ele é muito trabalhador. De vez em quando bebe um pouco a mais da sua especialidade, mas trabalha muito. É bom marido e bom pai.

Fizeram outras visitas para entregar uma barra de sabão aqui, uma vela acolá. Lucy aceitava pagamento quando o artigo havia sido encomendado, ou fazia troca, se não havia pagamento a postos.

Quando regressaram a casa, os cães estavam prontos para uma sesta. Thea sentou-se com o irmão e Lucy no alpendre das traseiras, com limonada fresca e uns biscoitos doces.

— Conheces toda a gente nas montanhas, avozinha?

— Por estas redondezas, sim. Algumas pessoas preferem isolar-se, por

isso deixo-as em paz, a menos que venham cá por uma coisa ou outra. Quando alguém precisa de ajuda, como a Katie ou o velho Carl, com a sua bursite, eu ajudo como posso. Se eu precisasse de ajuda, fariam o mesmo por mim.

» Já tenho lenha cortada para quando o frio chegar. E alguém trar-me-á mais quando eu precisar. É assim que funciona e deve funcionar.

Cada dia era uma aventura. As tarefas tinham de ser feitas, mas eram divertidas. Só em casa da avozinha é que Thea podia ordenhar uma vaca, ou ver Rem a ordenhar uma cabra. Alimentavam as galinhas e recolhiam os ovos. Lucy ensinou-os a fazer um molho com café para acompanhar presunto, ovos e papas de milho.

Todas as noites podiam ficar acordados até depois da hora de dormir, mesmo de quando estavam de férias, e sentar-se no exterior. Lucy conhecia todas as constelações e Rem tornou-se um perito a apontá-las pelo nome.

Uma noite viram até uma estrela cadente e Rem decidiu que seria um astronauta. E revezavam-se todas as noites na leitura em voz alta do livro que haviam escolhido no início das duas semanas. Qualquer livro que quisessem, e Lucy nunca dizia «Esse livro não pode ser».

As histórias, dizia-lhes ela, mantinham o mundo unido. A melhor parte era representá-las usando vozes diferentes. Thea reconhecia que Rem tinha talento para isso; o modo como a sua voz passava de rouca a aguda, a trémula ou afetada, dependendo do trecho. E ele conseguia fazer uma expressão a condizer, esbugalhando ou semicerrando os olhos, contraindo os lábios ou rasgando um sorriso.

Rem quase nunca tropeçava nas palavras, mesmo nas maiores.

Lucy dizia que ele era um ator nato, como o tio Caleb, e uma vez que queria ser astronauta, talvez viesse a fazer filmes em Marte.

Lucy aconchegava sempre Rem primeiro e Thea podia deitar-se na cama e ouvir as suas vozes. Rem tinha sempre um milhão de perguntas, principalmente à hora de dormir.

Depois Lucy entrava e sentava-se na borda da cama da neta.

— Qual é o sonho desta noite?

— Uma floresta mágica.

— Parece promissor. — Lucy acariciou os cabelos de Thea. — Tem muitas fadas e duendes?

— Tem de ter, e tem também uma feiticeira maléfica, com cães demoníacos de asas pontiagudas e dentes afiados que ela própria conjurou. Ela quer governar a floresta e tudo o resto, portanto tem de haver uma grande batalha.

E há uma jovem bruxa, um duende e uma fada que têm de... ah, juntar-se e usar os seus poderes e a sua inteligência para derrotarem a feiticeira. E há uma busca, creio eu. Preciso de o sonhar.

— Tenho a certeza de que o farás. — Lucy curvou-se e beijou-lhe a face. — Talvez um dia escrevas os teus sonhos e o Rem possa representá-los. Sonha agora, meu tesouro. Amanhã é outro dia.

Como fazia quase todas as noites, Thea fechou os olhos e começou a construir o sonho.

Nas manhãs em que acordava suficientemente cedo, como acontecera naquela última manhã de inocência, anotava o seu sonho. A floresta com as suas grandes árvores de folhas azuis, com maçãs douradas e peras roxas. A feiticeira maléfica, Mog, com o seu longo manto preto com capuz coberto de símbolos estranhos.

Adicionou algumas ilustrações, ainda que não tivesse tanto jeito para desenhar como gostaria. Os seus heróis — Gwyn, a bruxa; Twink, a fada; e Zed, o duende — e os demoníacos cães alados a que chamava Wens.

Escreveria mais depois, visto que os sonhos se mantinham sempre nítidos na sua cabeça.

Fez a cama, porque era uma das regras da avó, e lavou os dentes. Antes de se vestir, verificou se os seios teriam crescido durante a noite. Não, ainda que o período lhe tivesse aparecido dois dias antes de completar os doze anos, em abril.

Ela tinha um sutiã de treino, por via das dúvidas, mas sentia que era uma estupidez usá-lo quando não tinha nada para lá meter dentro. Além disso, era um nome idiota, pensou enquanto apanhava os cabelos numa trança igual à da avó.

Se ela pudesse treinar os seios a crescerem, fá-lo-ia!

Observou o seu rosto no espelho por um momento e perguntou-se como ficaria se tivesse uma madeixa branca nos cabelos como a avozinha. Sempre lhe parecera algo mágica. Mas também, de acordo com uma lenda de família, aquela madeixa branca havia aparecido da noite para o dia, quando o avô que ela só conhecia através de fotografias e histórias morrera na mina.

Quando se casasse, Thea não queria que o marido morresse. Queria ser feliz para sempre, como garantia que acontecia nos seus sonhos.

Pensando em Zachariah Lannigan, entrou no quarto de Lucy. A cama estava feita, porque a avó era sempre a primeira a acordar, o perfume das montanhas emanava das flores em cima da cómoda e a brisa agitava as cortinas das janelas abertas. E, numa moldura de pele castanha, estava a foto de um homem de cabelos louros e olhos da cor que a mãe chamava de «verde espuma do mar» quando estava a decorar.

Era um homem bonito. Não como o rapaz dos seus sonhos atual, Nick Jonas, mas bonito, apesar de ser muito mais velho.

Lucy dizia que havia tirado a fotografia no dia do seu trigésimo aniversário.

E ele morrera, esmagado pelo desabamento de uma mina, menos de um ano depois.

— Lamento que isso tenha acontecido. — Enquanto falava para a fotografia, tocou na moldura. — A avozinha Lucy ainda sente a tua falta. Consigo senti-lo. A minha mãe, a Cora, pensa em ti no Dia do Pai e no Natal, no dia do teu aniversário, no dia em que morreste e, às vezes, entre essas datas também. Ela acha que o Rem, o meu irmão, tem o teu queixo e a tua boca, e eu até acho que tem. Enfim...

Não lhe ocorria mais nada para dizer a uma fotografia emoldurada, por isso saiu e desceu as escadas.

Lucy estava no alpendre das traseiras a beber o seu café.

— Bom dia, meu docinho. Sonhaste bem?

— Sim. A feiticeira maléfica chama-se Mog. Tem uma barba negra pontiaguda e uns olhos quase negros também.

— Deus meu, até tem um ar maléfico!

— Se ela encontrar a Joia dos Anciões antes da Gwyn, da Twink e do Zed, escravizará todos e governará a floresta, e as montanhas, os vales e as terras junto ao rio mais além.

— Então é melhor que se despachem! Eu admiro a tua imaginação, minha Thea, e gosto de pensar naquilo que farás com ela. O Rem ainda está a dormir.

Thea anuiu com a cabeça e baixou-se para afagar as cabeças dos dois cães esparramados aos pés da avó.

— A *Cacau* está na cama com ele.

— Estão cansados, por isso vamos deixá-los estar. Deitámo-nos tarde, não foi? E se levasses a *Aster* para o celeiro para a ordenha? Vamos dar de comer às meninas e ver o que elas têm para nós. Hoje faremos sabão com o leite da *Molly*.

— O Rem devia ajudar nas tarefas.

Com uma expressão serena, Lucy levantou-se.

— Se estivesse tu cansada, eu pedia-lhe que fizesse o mesmo por ti.

— Certo.

— E vamos incumbi-lo de lavar o cocó da casca dos ovos.

— Ele até gosta de fazer isso.

— Lá porque ele gosta, não deixa de ser uma tarefa. Quando a ordenha estiver concluída, levaremos a *Aster* para o outro campo, onde passará o dia. Depois do jantar, levamo-la para o celeiro, para passar a noite. Vem aí uma tempestade. Um temporal.

Thea levantou os olhos e viu o céu com algumas nuvens brancas. Mas não questionou a previsão meteorológica da Lucy.

— Está bem.

— Vem aí uma tempestade — disse ela outra vez, e levou a mão ao peito.

Thea conduziu *Aster* até ao celeiro. Era algo que até gostava de fazer, mas, como dissera Lucy, não deixava de ser uma tarefa.

Ela também gostava de esguichar o leite de *Aster* para dentro do balde. Alguns dos seus amigos de escola achavam que era nojento, mas ela gostava.

Enquanto *Aster* mastigava ruidosamente a sua ração, Thea lavou-lhe o úbere e as tetas e depois secou-os. Lavou também as mãos e usou o creme para o úbere feito por Lucy.

Depois extraiu os primeiros jatos para o chão, para garantir que o leite estava livre de qualquer sujidade, antes de colocar o balde.

A seguir vinha a parte divertida: o som que o leite fazia quando pingava no fundo do balde vazio e depois caía com uma espécie de chape quando o balde começava a encher.

Thea gostava de cantarolar ao ritmo dos *pings* e *plops*, e achava que *Aster* também gostava. Quando a primeira das quatro tetas ficou macia e flácida, ela passou à segunda, ainda firme ao toque.

Thea imaginou que fora da sua floresta mágica, num vale verdejante, outra menina ordenhava uma vaca. Alheia aos confrontos dentro da floresta, à busca, às batalhas que poderiam torná-la escrava até que o bem vencesse o mal.

Enquanto ordenhava, Thea acrescentou a menina ao seu sonho. Então a ordenha chegou ao fim. Pelo menos aquela parte.

Quando ela carregou até casa o balde, agora com tampa, para coar o leite e despejá-lo para dentro de uma garrafa de vidro, Rem estava a lavar os ovos do dia na pia. O menino tinha o cabelo espetado e um vinco numa bochecha.

— Deste comida à *Cacau*?

— Sim, dei. Ela estava *esfomeada*. Eu estou esfomeado.

— Estás sempre esfomeado.

— A avozinha disse que podíamos comer ovos mexidos com presunto, papas de milho com queijo e torrada com compota de amora silvestre. Ainda temos ovos de ontem, mas tenho de lavar o cocó destes. Têm carradas de cocó! Cocó de galinha nojento!

Thea revirou simplesmente os olhos.

Quando se sentaram todos para tomar o pequeno-almoço — e agora também ela estava esfomeada —, os animais já tinham sido tratados, os baldes

da ordenha estavam na máquina de lavar louça para desinfecção e os cães ladravam para afugentar os esquilos que tentavam entrar no comedouro dos pássaros.

O resto da manhã foi passada a fazer sabão.

Lucy tinha uma lista de encomendas da loja da vila e alguns pedidos especiais, e era essa a prioridade.

Lucy chamava-lhe processo de fabrico a frio, mas era quente!

Ela tinha tachos especiais só para o fabrico de sabão, e todos os óleos e cores, o leite de *Molly* e a soda cáustica diluída, ervas e flores secas.

Todos tiveram de usar mangas compridas, luvas e óculos de proteção. E embora Thea fosse quase uma adolescente, Lucy disse que ainda faltava um ano para que ela pudesse manusear a soda cáustica ou deitar o sabão extremamente quente nos moldes.

Mas Thea pôde pesar os óleos e derretê-los, e depois de Lucy adicionar a soda cáustica diluída, que fazia a mistura ficar com aspeto de massa crua de bolos, Rem adicionou as cores e ela adicionou o leite de *Molly*.

Fizeram um lote com alfazema seca, outro com alecrim, mais com aveia e, o favorito de Thea, um com uma mistura de pétalas de flores.

Lucy bateu com os moldes em cima da bancada para extrair as bolhas de ar, depois pô-los de lado para secar, o que demorou um dia inteiro, antes de poder cortar os sabões em barras. E esperava sempre duas semanas antes de os atar com corda e etiquetar.

Era demasiado tempo e trabalho para fazer sabão, mas Thea sabia que as pessoas compravam sabão da Mountain Magic, mais as velas, loções, sais de banho e tudo o resto.

Pessoas de todo o lado, que iam a Redbud Hollow para fazer caminhadas nas montanhas ou que paravam simplesmente na vila a caminho de outro lugar, entravam na Appalachian Crafts e compravam coisas que a avó fazia na cozinha de artesanato.

Era bom saber que alguém ia comprar e usar algo que ela ajudara a fazer.

— Bem, esta tarefa está concluída. — Depois de descalçar as luvas, Lucy passou uma mão pela testa. — Acho que vamos almoçar qualquer coisa e depois embalamos alguns dos artigos em *stock* e levamo-los para a vila, portanto temos mais uma tarefa a fazer.

— Podemos comer gelados? — perguntou Rem.

— Bem, parece-me uma ideia ótima, visto que o dia aqueceu bastante. E tenho outra ideia ótima, visto que tenho dois ajudantes tão esforçados. E se eu fizesse piza para o nosso jantar e, para sobremesa, gelados cremosos de baunilha com molho de chocolate quente?

A resposta de Rem foi um grito de alegria enquanto lançava os braços em torno da avó.

— Com uma cereja no topo?

— Evidentemente.

Viajaram aos solavancos até à vila, com as janelas abertas e o rádio a tocar *bluegrass*. Parecia ser a maneira perfeita de viajar até à pequena vila montanhosa, com a sua rua principal repleta de lojas e restaurantes, com nomes como Taste of Appalachia e Down Home Eats³, esperançosos de sacar alguns dólares aos turistas.

As crianças ajudaram a transportar as caixas para o alpendre traseiro da loja. Uma mulher saiu e começou a bater palmas. Thea recordava-se dela, de outras visitas, e sabia que a mulher de cabelos louros encaracolados e com os óculos pendurados numa corrente de ouro era proprietária da loja.

— Juro que estávamos agora mesmo a dizer que esperávamos que hoje nos trouxesses alguns artigos da Mountain Magic. Esta manhã esgotámos os sabões de alfazema. Vendemos a última barra, e a vela e a loção de alfazema, a uma mulher de Chicago, Illinois. E já só temos uma das tuas velas de casca de laranja e uma daquelas a que chamas «Passeio na Floresta».

— Então vim mesmo a tempo. Vocês lembram-se da dona Abby, não é?

— Estes não podem ser os teus netinhos! — Ela bateu com uma mão no peito, num gesto de falso espanto que não enganou Thea, mas que a fez sorrir na mesma. — Ora, juro que cresceram ambos trinta centímetros desde o verão passado.

— Os meus preciosos trinca-espínhas. Thea, leva o sabão para aquele armazém. Rem, tu podes levar essa caixa com o sabão líquido. Hoje em dia, as pessoas parecem gostar realmente disso.

Lucy levantou a primeira caixa de velas.

— Eu seguro-te a porta. E temos umas gomas para vocês, crianças, se a vossa avozinha deixar.

— Hoje, eles merecem.

— Vão lá dentro e digam à Louisa que a dona Abby mandou dar duas gomas a cada um; uma para agora e outra para mais tarde.

— Obrigada, dona Abby.

Thea não gostava propriamente de gomas, mas sabia que poderia usar as suas para subornar Rem mais tarde. Além disso, assim podia vasculhar a loja. A avó e a dona Abby iriam demorar a fazer as contas, a mexericar e a trocar notícias das respetivas famílias.

³ Sabor de Appalachia e Refeições de Comida Caseira, respetivamente. (N. de T.)

A mãe dizia que eram assim no Sul, que tudo demorava o dobro do tempo ou mais do que era suposto, porque tinha de se conviver e conversar.

Thea não se importava nada de esperar, já que assim podia ver as peças artesanais feitas de madeira, vidro ou metal, ou um pouco dos três. Podia ver os quadros, e sentir-se orgulhosa com as peças da avó expostas nas prateleiras.

E quando Lucy apareceu na loja, ela teve de passar tempo com a dona Louisa e alguém chamado Jimmy, que havia começado a trabalhar lá antes do Natal.

O rapaz tinha uns olhos enormes e um pescoço comprido. Thea imaginou-o com orelhas pontiagudas e decidiu que ele poderia ser um dos duendes do seu sonho.

Devorar a goma não impediu Rem de devorar um gelado de uva. Thea comeu o seu mais devagar enquanto davam um pequeno passeio pela rua principal.

Lucy conviveu durante mais algum tempo, porque conhecia quase toda a gente e quase toda a gente a conhecia. Caminharam até ao banco, onde Lucy fez o que chamava de «depósito noturno», dado que o banco fechava às duas.

— Como é que sabem que o dinheiro é teu?

Lucy olhou para Rem enquanto subiam a colina.

— Bem, o cheque foi passado em meu nome e endossado por mim, e o meu nome e o número da minha conta estão no recibo de depósito.

— Como é que sabes que eles não te vão simplesmente roubar e dizer que nunca o receberam?

— Tens uma mente cínica, rapaz. Uma boa razão é que conheço o gerente do banco desde que ele tinha a tua idade. Ele costumava brincar com o meu irmão Buck. Uma vez até fui a um baile com ele porque o teu avô foi muito lento a convidar-me. Foi a última vez que ele foi lento.

— Beijaste-o na boca?

— Não, porque estava de olho no Zachariah Lannigan.

— Se calhar ele vai roubar-te o dinheiro porque não o beijaste na boca.

Lucy remexeu nos cabelos de Rem e soltou uma forte gargalhada.

— Não creio que ele carregasse esse peso por tanto tempo, sobretudo porque se casou com a minha boa amiga Abigail Barns, a dona Abby. E tiveram três filhas e têm cinco netinhos.

— Os homens conseguem carregar tochas — disse Rem seriamente.

— Remington Fox, tu és muito divertido.

— Tenho a língua roxa? — Deitou a língua de fora para que ela a examinasse.

— Claro que sim.

— Seria giro se ficasse sempre assim.
— Estás a ver? — Lucy pôs um braço em torno dos ombros do neto e o outro em torno dos de Thea. — És mesmo divertido.

Para Thea, aquele tinha sido o melhor dia até à data, e até registou isso no seu diário. Tinha ordenhado a *Aster* sozinha! E tomou nota de tentar fazer o presunto com o molho, com a ajuda de Rem (e talvez a do pai) para o pequeno-almoço de aniversário da mãe. Ajudara a fazer sabão, e embora não estivesse lá quando chegasse a altura dos embrulhos bonitos, a avó enviaria fotografias.

Tinham ido passear à vila. Quando haviam regressado, os cães tinham recebido guloseimas por terem guardado a casa. Havia feito gelado e tinham-no metido no congelador para comerem mais tarde.

Thea e Rem fizeram as suas pizzas com a massa e o molho da avozinha, enquanto esta ralava o queijo. Thea fizera a sua quase perfeitamente redonda. Rem dizia que tinha feito uma piza hexagonal. A avozinha adicionara cogumelos e azeitonas à sua e, atrás dela, Rem fizera uma expressão de nojo.

Depois das tarefas da noite, depois de as estrelas terem aparecido, haviam comido os seus gelados no alpendre das traseiras.

Eram tantas estrelas que Thea pensou que, possivelmente, desta vez, a avó estaria enganada a respeito da tempestade.

Quando Lucy entrou para a aconchegar na cama, Thea pôs o diário de lado.

— Amanhã já faz uma semana.

Lucy sentou-se na borda da cama.

— Isso quer dizer que ainda te resta mais uma semana. E não vamos todos juntos para a praia daqui a uns meses? Vou ficar com a minha família numa casa de praia pela primeira vez na vida! É uma coisa maravilhosa que a tua mamã e o teu papá estão a dar-nos.

» E poucos meses depois, vocês vêm todos para cá. Vou preparar um jantar de Ação de Graças que nem tu consegues imaginar. — Deu uns toquezinhos na têmpora de Thea. — Espera e verás.

— Nessa altura estará tudo diferente. Eu quero ver tudo diferente. Depois tu irás passar o Natal connosco.

— Sem dúvida. E vocês virão cá pela Páscoa.

— Verei as árvores-de-judas em flor.

— Sim, e também os cornizos bravos. São uma beleza. Vais ter aquele sonho esta noite, ou vais começar um novo?

— Ainda não terminei o outro. O da floresta mágica de Endon.

— Endon.

— É esse o nome do mundo. E pensei numas personagens novas. Tenho de ver o que acontece.

— Então, sonha bem. — Lucy curvou-se para um beijo. — Também quero saber o que acontece.

Satisfeita, Thea aninhou-se, fechou os olhos e mergulhou no seu sonho repleto de cor, aventura e magia. Enquanto sonhava, as nuvens começaram a encobrir as estrelas. Ao longe, ressoou um trovão.

Quando a tempestade chegou, como previsto, o sonho mágico transformou-se em pesadelo.

CAPÍTULO TRÊS



Por volta da hora em que Lucy guardava o gelado no congelador, Cora saía de uma reunião. Uma reunião muito bem-sucedida, por isso ela congratulou-se mentalmente.

Como tinha o resto do dia livre, decidiu fazer uns recados e organizar uma pequena comemoração para si e para John.

Podia ir buscar a roupa à lavandaria, passar pela gráfica para apanhar os novos folhetos, ir à sua loja de vinhos preferida, dar um salto ao supermercado para comprar um par de bifes, que John podia grelhar, e depois ao mercado de agricultores para comprar ingredientes para salada e umas quantas batatas.

John adorava as batatas assadas recheadas que ela fazia.

Cora nunca seria tão boa cozinheira como a mãe, mas achava que ela e John se saíam muito bem nesse departamento.

Como havia tido a tal reunião de sucesso com um cliente bastante chique e sofisticado, vestia o que considerava ser o seu *look* de mulher de negócios.

Tinha apanhado o cabelo num elegante coque e usava um vestido justo sem mangas de um tom rosa-escuro a condizer com as sandálias de salto alto.

Em vez do seu relógio de mãe trabalhadora, havia colocado o *Bulgari* que John lhe tinha oferecido no dia do décimo aniversário de casamento. Um capricho absurdo, na sua opinião.

O marido mandara gravá-lo na parte de trás, com as palavras «Para Sempre» dentro de um coração.

Ela adorava-o.

Cora conduziu entre um recado e outro, com o rádio ligado e um sorriso no rosto.

O supermercado fê-la lembrar-se dos filhos, de como quando ela ou John cometiam o erro de os levar, acabavam sempre com dois tipos de batatas

fritas, dois tipos de gelado, dois tipos de cereais de pequeno-almoço e sabe Deus o que mais.

Estava a morrer de saudades deles.

Não que aquele tempo a sós com o marido não fosse agradável. E revitalizador. E, céus, *sexy*. Mas tinha saudades dos seus rostos, da sua energia e até das suas brigas.

Porém, conversavam pelo menos dia sim dia não, e quando o faziam, a alegria e o entusiasmo transbordantes de Thea e Rem enchiam-lhe por completo o coração.

Os filhos adoravam a pequena quinta, e a sua mãe certificava-se de que ali passavam duas semanas maravilhosas todos os verões. Lucy dedicava toda a sua atenção aos netos; mostrava-lhes o seu amor de inúmeras formas.

Agora receberiam mais desse amor e atenção, com a praia, o Dia de Ação de Graças e a Páscoa incluídos no pacote.

Aquelas pequenas férias em família valeriam a pena, para todos eles.

Com a mente focada na escolha dos bifes certos e os filhos no coração, Cora não reparou no homem que levava uma embalagem de latas de *Coca-Cola* e um pacote de bolachas *Chips Ahoy!* no cesto.

Mas Ray Riggs reparou nela.

Ele sabia reconhecer uma cabra rica e estava a ver uma naquele momento.

O penteado snobe, a aliança com o diamante quadrado e aquele relógio caríssimo.

A seu ver, o relógio gritava: «Sou melhor do que tu, Ray.»

Ele odiou-a por isso.

Aperaltada daquela maneira para ir ao supermercado? Provavelmente era mulher de algum cabrão rico, que a exibia como troféu. Do tipo que desdenhava de gente como ele.

E isso deixava-o em ebulição.

Do tipo que tinha muitos carros de luxo e uma casa de luxo com muitas coisas caras, como aquele relógio. Dinheiro no cofre, sem dúvida.

E isso despertava o seu interesse.

Interesse suficiente para ele deixar o cesto onde estava e sair descontraidamente da loja em direção ao seu carro.

O carro que lhe pertencia, pensou, desde que mandara pintá-lo. O chatativo vermelho-cereja que o cabrão do proprietário anterior havia escolhido estava agora coberto por um discreto preto reluzente. Ray tinha trocado imediatamente a placa da matrícula de Maryland por uma da Pensilvânia.

Conseguia sempre encontrar-se uma matrícula de fora do estado num dos motéis de merda ao longo da autoestrada interestadual.

Aos dezoito anos de idade, e contando com dois de estrada, Ray percebia de motéis de merda e como disfarçar carros roubados.

Agora estava sentado num sedã preto *Mercedes* registrado em nome de um tal Phillip Allen Clarke, que, juntamente com a bruxa da sua mulher, Barbara Ann Clarke, estava a apodrecer num túmulo de um cemitério qualquer da chiquíssima Potomac, em Maryland.

Havia conseguido quatro relógios de luxo dos Clark e duas semanas depois empenhara o *Rolex* do homem em Washington D.C. A velha horrorosa possuía algumas joias valiosas, mas ele esperaria um bom tempo antes de as vender juntamente com os outros relógios.

Ray Riggs não era parvo nenhum.

E havia sacado a combinação do cofre à velha, antes de a matar, deitando assim mão a sete mil em numerário. E conseguira mais dois mil e trezentos das suas carteiras e do esconderijo na gaveta da roupa interior da bruxa.

Então, cheio de massa, alugara uma casa de praia em Myrtle Beach, para se bronzear e ficar de olho nos turistas ricos.

Parara naquele supermercado para comprar comida para a viagem, porque nas bombas de gasolina era tudo um roubo.

Um dia talvez fizesse explodir uma só para provar o seu ponto.

Mas agora percebia que aquela paragem era coisa do destino. Ficou com absoluta certeza disso quando a cabra abastada saiu com um só saco e o meteu num *BMW* — ninguém comprava carros americanos, porra?

De qualquer modo, estava na hora de trocar de veículo, e não é que tinha roubado umas matrículas da Virgínia como salvaguarda?

Era o destino.

Seguiu-a desde o parque de estacionamento até ao mercado de agricultores. Como se gente como ela quisesse saber dos agricultores.

Ela regressou ao carro com um saco pequeno.

Não tinha filhos, concluiu ele. Não era comida suficiente.

Talvez tivesse um cão barulhento, e ele teria de tratar disso.

Parecia-lhe do tipo que tinha um cãozinho barulhento, com um nome estilo *Fluffy* ou *Chauncy*.

Bem, ele esmagaria a cabeça do *Fluffy* ao pontapé.

A mulher conduziu até um bairro de casas grandes, imponentes. A porra das «McMansões».

Ray parou o carro, sabendo que o *Mercedes* seria um bom disfarce, pelo menos durante uns minutos. As pessoas que viviam em casas de luxo não esperavam problemas de pessoas que conduziam carros de alta gama.

Erro delas.

A porta da garagem abriu-se, ela entrou com o carro e a porta fechou-se. Ele deixou-se ficar mais alguns minutos a pensar, a planear... e não é que ela voltou a sair pela porta da frente?

Pôs-se a regar as flores dos vasos do alpendre dianteiro; os que estavam pendurados nos postes. Nenhum cãozinho barulhento saiu com ela, portanto talvez não o tivesse.

E quando ela pousava o regador, um SUV estacionou no caminho da entrada. Outro *BMW*.

Não foi um cabrão velho que saiu do veículo, mas um mais jovem do que ele havia imaginado. Alto, com ar de estar em boa forma, e isso mudava um bocado as coisas.

Ela desceu e aproximou-se do homem.

Os dois abraçaram-se e beijaram-se.

Ray não ouviu nenhum cão ladrar, não viu nenhuma criança sair a gritar: «O papá chegou.»

O mais provável era que vivessem os dois sozinhos naquela casa enorme. Uma casa que deveria ser sua. Tudo deveria ser seu.

Depois daquela noite, parte seria.

Quando o casal entrou, ele desceu a rua — precisamente à velocidade limite — e contornou a casa para ver o que conseguia das traseiras.

E diabos o levassem se não estava a ver um quintal enorme com a porra de uma piscina.

Na sua opinião, havia demasiada gente com demasiado. Parecia-lhe perfeitamente justo ficar com parte disso, tomar o que queria e o que merecia.

Afinal, eles não poderiam levar nada para onde ia mandá-los.

No interior da casa, Cora entregou o regador a John.

— Importas-te de encher isto e de o levar para o alpendre das traseiras? Quero subir para me trocar.

— Estás muito bem assim.

— Estou, não estou? A Adele admirou as minhas sandálias e, como acontece sempre que eu o uso diante dela, senti que invejava o meu relógio maravilhoso. Vou contar-te como correu a reunião, todas as boas notícias, depois de tirar estas admiráveis sandálias que estão a começar a moer-me os pés.

— Faz isso. Eu tenho quase só boas notícias acerca do projeto Barnaby. Ou podias ficar assim e deixar-me levar-te a jantar. Talvez pudéssemos ir ao cinema depois?

Cora parou nos degraus e lançou um olhar sedutor por cima do ombro.

— Ora, John Fox, estás a convidar-me para um encontro?
— Seria louco se não o fizesse.
— Eu aceito, claro, mas gostaria de adiar isso para amanhã. Tenho planos para esta noite.

Ele inclinou a cabeça e dirigiu-lhe um olhar de durão.

— Que planos?
— Bem, eu digo-te. — Mantendo o sorriso sedutor, ela descalçou as sandálias. — Os planos incluem bifos grelhados por ti, que eu comprei a caminho de casa, e as minhas famosas batatas recheadas.

— Mundialmente famosas.
— Uma boa salada com ingredientes do mercado de agricultores. E também a garrafa de *Cabernet*, de que tu tanto gostas, que eu comprei numa das minhas viagens.

— Parece-me um plano excelente. O que há para sobremesa?
— Estava a pensar nos miúdos, no quanto estão a divertir-se. E aqui estamos nós, sozinhos, nesta casa grande e vazia. — Cora balançou as sandálias pelas presilhas. — Por isso pensei que podia fazer muito sexo desenfreado com o meu marido.

— A melhor sobremesa de sempre.
— Supera o bolo de maçã da minha mãe?
— Até isso.
— Resposta inteligente. E se abrisses a garrafa, e eu começasse a preparar as batatas quando descer? Podíamos ir apanhar um pouco de ar no alpendre traseiro, antes de acenderes o grelhador.

— Amo-te, Cora.
Ela continuou a andar, mas olhou de novo para trás e deu uns toquezinhos no relógio.

— Para sempre.
John atravessou o amplo *hall* em direção à cozinha e parou junto à parede de fotografias. A parede da família, no seu entender. Fotografias dos dois, depois dos três e dos quatro. Dos filhos juntos. Da mãe e dos irmãos de Cora. Fotos de grupo e individuais enchiam a parede.

Ao contemplá-las, ele sentia-se o filho da mãe mais afortunado do mundo. Para sempre.

Seguiu para a cozinha para abrir o vinho e encher o regador.

Ray levou o *Mercedes* à lavagem de carros e pagou para que ficasse minuciosamente limpo por dentro e por fora.

Limpo como um brinco.

Encontrou um sítio onde comeu uma sanduíche de carne de porco desfiada, uma ótima salada de couve e cenoura e batatas fritas. Sentou-se na esplanada, a desfrutar do calor, e enquanto comia pôs-se a desenhar a casa.

A seu ver, se quisesse, poderia ter sido arquiteto... mas por que diabo haveria ele de querer desenhar casas para outros morarem?

Supunha que os quartos seriam no primeiro piso, e muito provavelmente haveria uma *suite* de luxo. Se houvesse um cofre, também estaria lá em cima, ou num escritório da casa ou numa biblioteca tipo «olhem como somos inteligentes».

O que roubaria? Dinheiro, joias e um dos carros.

Depois arrancaria rumo à Carolina do Norte e passaria a noite num motel rasca. De manhã far-se-ia à estrada, e quando se apercebessem de que a cabra e o cabrão ricos estavam mortos, já estaria a caminho de Myrtle Beach.

Era um bom plano, decidiu, e bebeu uns goles de *Coca-Cola*. Agora só tinha de arranjar o que fazer durante algumas horas.

Foi dar uma volta pelo centro comercial, entrou no salão de jogos e depois foi ao cinema ver *Transformers: Retaliação*.

Não era nada mau.

Por volta das onze, percorreu a baixa velocidade a rua tranquila do bairro de classe alta.

Ainda havia demasiadas luzes acesas, por isso deu uma volta pela vizinhança, tomando nota das melhores vias para apanhar a 95 rumo a sul quando o serviço estivesse concluído.

À uma da manhã, a rua estava em silêncio. Algumas luzes de alpendres, algumas luzes de segurança, uma ou outra luz que as pessoas deixavam acesas em casa pensando que isso afugentaria os ladrões.

Ray havia elaborado o plano de abordagem, por isso contornou a casa até às traseiras. Apagou os faróis, parou num caminho de entrada e desligou o motor.

Esperou que se acendesse alguma luz, ou que algum cão ladrasse, mas o silêncio manteve-se. Depois de calçar as luvas, passou novamente um pano pelo banco dianteiro, pelo volante e pelo *tablier*. Em seguida, tirou a *Smith & Wesson* de nove milímetros de baixo do banco do condutor.

Havia arranjado a arma depois do seu terceiro assassinato — o advogado snobe e a sua cabra com grandes mamas de silicone.

Degolara-os, como havia feito com o casal anterior, e, caramba, que imundície! Não que ele não gostasse de ver aquele sangue todo, mas não lhe agradava ficar todo sujo.

Mas, para além do dinheiro e das joias, tinha conseguido a arma.

E também muitas munições. E podia comprar mais quando precisasse.

Não se considerava um grande atirador, mas, a curta distância, isso não importava.

Havia-o comprovado na vez seguinte.

Enfiou a arma no coldre de cabedal que roubara ao mesmo advogado snobe e tirou os seus sacos da bagageira.

Como viajava com pouca bagagem, pôs a mochila às costas e o pequeno saco cilíndrico ao ombro.

Fechou silenciosamente a bagageira e limpou-a com o pano antes de atravessar o quintal da casa de outro ricoço e transpor sem dificuldade a cerca para chegar ao que lhe interessava, com a piscina cintilante e o pátio amplo. E o terraço do primeiro piso? Oh, sim, era do outro lado daquelas portas que a cabra rica, com o seu relógio de luxo, dormia.

Contornou a piscina e, quando atravessou o pátio, reparou no grelhador, tão grande e reluzente que provavelmente custaria dois ou três mil dólares.

Vê-lo ali, tão reluzente, fez aumentar o seu rancor. Quem lhe dera ter um taco ou um tubo de metal. Se tivesse um taco ou um tubo de metal, destruiria a merda do grelhador.

Em vez disso, conteve a raiva. Tinha um trabalho pela frente, trabalho esse que exigia concentração.

Respirando lenta e profundamente, encostou as mãos enluvadas às portas do pátio e focou a sua mente no interior da casa.

Tinha esse dom, sempre tivera.

A mãe tentara afastá-lo disso por meio de orações; o pai, através da lógica.

Haviam falhado.

Um dia vingar-se-ia de ambos por não lhe terem proporcionado crescer numa casa enorme como aquela, por não ter tido uma piscina onde brincar.

Vingar-se-ia por terem assado hambúrgueres num reles grelhador a carvão, em vez de bifés num grelhador grande e reluzente.

Mas até esse dia chegar, bastava-lhe viver em liberdade, usar esse dom para roubar aos ricos em benefício próprio.

Não havia nenhum cão na casa. Não agora, mas houvera. E crianças também... uma, talvez duas... mas não de momento.

As únicas pessoas que a ocupavam naquele momento dormiam, como ele previra, no piso superior.

E, contudo, ele sentia como que um fôlego sobre a nuca, como se alguém o observasse. Observasse tão perto, que quase parecia estar dentro dele.

A ideia fez-lhe escorrer uma gota de suor pela têmpora e forçou-o a olhar para trás.

Que se foda, pensou.

Não vira nenhum aviso alertando para um sistema de segurança, nem via indícios da sua existência.

Havia trabalhado com o avarento do pai num verão, a instalar sistemas de segurança em mansões como aquela, por isso sabia o que procurar.

Sabia o que fazer se encontrasse alguma coisa.

Mas a única coisa que havia nas amplas portas de vidro era uma fechadura.

Em vez de a forçar — as suas competências eram excelentes nesse departamento — tirou o cortador de vidro de dentro da mochila.

Não demorou a enfiar cuidadosamente a mão pelo círculo que havia feito e a destrancar a fechadura.

Uma vez no interior, olhou em volta para a grande cozinha, viu a televisão gigante pendurada na parede e o amplo sofá em forma de L a que chamavam «modular».

Conseguia ver a sala de estar, a lareira, outro sofá e cadeiras. Mesas, candeeiros. Tudo bonito e reluzente.

Devia ter vivido numa casa como aquela. Aquelas pessoas não eram melhores do que ele, simplesmente tinham tido sorte e gostavam de lho atirar à cara.

O seu desejo era destruir aquilo tudo, mas tinha de manter a concentração.

Lá estava o vestíbulo das traseiras, onde deixavam o calçado enlameado (como se aquele tipo de gente tivesse lama nos sapatos), com uma porta que dava acesso à garagem.

E um escritório... como se aquela gente trabalhasse para ganhar a vida.

Uma parede cheia de fotografias. Olhem-nos a sorrir para a máquina! A divertirem-se na praia ou...

Deteve-se na foto da menina. A menina que se parecia muito com a cabra rica, excetuando...

Algo nos olhos, algo que o deixava sem fôlego, que lhe toldava a mente. Como se ela olhasse diretamente para ele.

Para dentro dele.

O sangue gelou-se-lhe nas veias e um arrepio percorreu-lhe a espinha.

Ray cerrou os punhos e, por um momento, perdeu a noção da casa, das pessoas que dormiam no piso superior.

Teve de relaxar as mãos, limpar o suor que lhe cobria as palmas nas calças de ganga.

Teve de relaxar a mente para ver.

— É uma pena que não estejas aqui. É mesmo uma pena — murmurou por entre dentes. — Também trataria de ti.

Imaginava que ela tivesse um fundo fiduciário, ela e o rapaz... provavelmente o *irmãozinho*. Oh, teria tratado tão bem deles, mas provavelmente estariam nalguma colônia de férias para miúdos ricos.

Perdeu a noção por mais uns instantes, enquanto fitava aquela fotografia, aqueles olhos azuis. As mãos tremiam-lhe, desejava socar aquele rosto, fechar aqueles olhos azuis.

Teve de virar costas à fotografia para recuperar o fôlego, clarear a mente.

Havia trabalho a fazer, lembrou a si mesmo. Justiça a cumprir.

Sacou da arma e começou a subir as escadas.

Os trovões não a acordaram, nem o estampido abafado do disparo. Presa no sonho, Thea gritou e gritou. Mas, tal como tudo o resto, o grito ficou preso na sua cabeça. Ela gritou e chorou, observando impotente até, finalmente, conseguir libertar-se.

Iluminada pelo clarão de um relâmpago, sentou-se trémula na cama, incapaz de tomar fôlego suficiente para gritar. Esquecendo que era quase uma adolescente, saiu da cama a rastejar. As pernas dobraram-se simplesmente e ela caiu no chão, zonga, com o estômago às voltas.

Tinha tanto frio que começou a bater os dentes e levantou-se com dificuldade.

O chão parecia inclinar-se e oscilar como o convés de um barco apanhado na tempestade que ainda grassava lá fora.

Enquanto se encaminhava para o quarto da avó, Thea teve de apoiar uma mão na parede.

Queria os braços da avozinha ao seu redor, a mão da avozinha acariciando-lhe os cabelos, a voz da avozinha dizendo-lhe que tudo não passara de um pesadelo.

Mas quando chegou à porta do quarto, viu Lucy sentada na beira da cama. Ouviu-a chorar. Viu-a tremer.

— Avozinha. Avozinha.

Thea recordaria para sempre aquele momento, o exato instante em que os seus olhos se cruzaram. Olhos da mesma cor e formato, olhos encharcados de lágrimas, choque e dor.

E a faísca que reluziu entre as duas, tão nítida e brilhante como o relâmpago.

E o instante que se seguiu a essa faísca, quando ela soube que os pais estavam mortos.

Thea derramou-se no chão como água de um copo.

Então sentiu os braços de Lucy ao seu redor. A mão de Lucy acariciando-lhe os cabelos.

Mas a avó não disse o que ela queria ouvir, porque teria sido mentira.

— Eu vi... Eu vi...

— Oh, meu Deus, Thea. — Lucy embalou a neta, embalou ambas no chão sob o umbral. — Minha querida, meu amor.

Ela conseguia ouvir a respiração arquejante de Lucy, sentir o galope desenfreado do seu coração.

— Tenho de ligar ao xerife. Agarra-te a mim. Agarra-te com força. Ele entrará em contacto com a polícia de Virgínia para que vá... averiguar.

— Tu também viste. Tu também viste. Mas...

— Deixa-me ir ligar. Agarra-te a mim.

— Estou enjoada.

— Eu sei, eu sei.

Como Thea não conseguia manter a cabeça erguida e sentia o chão a baloiçar, Lucy carregou-a praticamente até à cama.

— Tenta respirar devagar. Se tiveres de vomitar, não te preocupes. Agarra-te a mim. Assim mesmo, respira devagar. As tonturas vão passar.

Quando chegaram à cama, Lucy envolveu-a numa manta.

— Põe a cabeça entre os joelhos e respira devagar. Vai passar.

Thea obedeceu a Lucy, enquanto o quarto girava ao seu redor. E ouviu-a pegar no telefone que estava em cima da mesinha de cabeceira.

A voz da avó parecia-lhe estranha, como se ela falasse dentro de um grande quarto vazio onde tudo soava oco e ecoava.

— Tate, fala Lucy Lannigan. Preciso que me faças um favor.

Thea deixou que as palavras a inundassem enquanto, tal como Lucy lhe havia dito, as tonturas começavam a passar.

E com elas foi-se também o frio, expulso por um golpe de calor que lhe cobriu cada milímetro de pele.

— Vamos, querida, deita-te. Vou preparar-te um chá.

— Não me deixes sozinha. Por favor, não me deixes sozinha.

— O chá vai ajudar. Confia em mim, Thea. Queres descer comigo? Consegues?

Thea anuiu com a cabeça e apoiou-se em Lucy.

— Não vou vomitar.

— Não vamos acordar o Rem, está bem? — Lucy rodeou a neta com um braço, ainda trémulo. — Aqui estão os degraus. Desceremos devagar.

— Já não estou zozna. Não vou vomitar. — Thea sentia-se quente por fora e dormente por dentro. — Eu vi. Eu vi e tu também viste. Não foi um pesadelo.

— Rezo para que tenha sido. Vais sentar-te à mesa, enquanto eu preparo o chá. Ainda não falámos sobre o que temos dentro de nós, querida, tu e eu. A tua mamã...

— Ela não gosta.

— Preocupa-a, só isso. Preocupa-a. Agora, senta-te. O xerife McKinnon vai ligar à polícia de Virgínia, que irá averiguar. E... verás o quão tolas nos sentiremos quando ligarem de lá a dizer que está tudo bem.

— Avozinha...

— Por vezes, muitas vezes, o que temos dentro de nós mostra-nos o que ainda não aconteceu, querida.

— Mas não é isso. — As lágrimas começaram a escorrer de novo e ela falou por entre soluços. — Eles morreram, avozinha. Consigo senti-lo. E tu também.

De cabelos soltos e revoltos em torno dos ombros e rosto pálido com choque, Lucy cruzou as mãos sobre a boca como que para conter um grito.

— Eu não o vi nitidamente.

— Eu vi. Eu estava lá. Estava lá com eles. Consegui ver e ouvir, e consegui cheirar e sentir. Eu gritei, mas eles não me ouviram. Penso que ele, talvez, sim. — Subitamente exausta, Thea apoiou a cabeça sobre a mesa. — Ele matou-os e eu estava lá.

— Vamos rezar para que tenha sido algo que ainda não aconteceu e que, por o termos visto, tenhamos mudado o rumo dos acontecimentos. Que o tenhamos impedido. É tudo o que podemos fazer por agora.

Podiam rezar agora, pensou Thea, podiam rezar eternamente. Mas isso não mudaria nada. Apesar da dormência, Thea conseguiu sentir o sofrimento da avó — um pavor terrível — e não disse nada.

Lucy recorreu a todas as suas forças e mediu o chá de pilriteiro. Agora tinha de pensar na menina, tinha de cuidar da criança e não pensar em mais nada.

Aquela criança, disse para si mesma; a criança sentada à mesa, submersa em choque e dor, e não na bebé que carregara no ventre e que havia dado à luz. Não na filha que amara com todo o seu coração, nem no bom homem com quem essa filha acabara por casar e que ela amara como se fosse um filho.

Aquela criança precisava que ela fosse forte, por isso seria forte.

Aquela criança, com quem deveria há muito ter falado sobre o dom, para a ajudar a preparar-se, pois sabia que ela o tinha. Vira-o brilhar intensamente, com toda a sua força.

Não podes mudar o que já passou, lembrou Lucy a si mesma. Naquele momento, aquela criança precisava da sua força para ajudá-la a lidar com o que ambas sabiam.

O seu sofrimento tinha de esperar.

Pousou as chávenas de chá na mesa e acariciou o cabelo de Thea.

— Bebe um bocadinho, querida. Prometo que vai ajudar.

— Não consigo sentir nada dentro de mim. É como se estivesse vazia.

— É uma maneira de nos protegermos. — Mas voltaria a sentir, pensou Lucy, e de uma forma avassaladora. — Então agora bebe um bocadinho, e preciso que me escutes, está bem?

Thea levantou a cabeça e agarrou na chávena, anuindo.

— Vão perguntar-me porque é que liguei à polícia. Thea, eu preciso de ter a esperança de que seja a tua mamã a telefonar-me e a fazer-me essa pergunta. Preciso de me agarrar a essa esperança.

Thea bebeu um pouco de chá e voltou a anuir com a cabeça.

— Mas, independentemente de quem a faça, é melhor deixares que seja eu a responder.

— Porquê?

— Algumas pessoas tornam-se vorazes quando sabem que temos um dom, e podem acostrar-nos. Outras não acreditam e podem dizer coisas muito desagradáveis.

— Eu já sei disso.

Lucy soltou um suspiro de puro arrependimento.

— Não agi bem contigo a este respeito, querida. Lamento.

— A mãe preocupava-se. Este dom assustava-a.

— Exato.

Lucy reparou que as faces jovens e macias da neta haviam recuperado um pouco de cor. Não muita, mas pelo menos um pouco. Mas os olhos não pareciam tão jovens agora, e o vazio que espelhavam dizia-lhe que a dormência ainda se mantinha.

— O que fazemos, avozinha?

— Eu...

O toque na porta fez o coração de Lucy encarquilhar-se como uma bola de papel amarrotado. Ela podia tentar alisá-lo de novo, e teria de o fazer por aquela criança e pela que dormia no piso de cima.

Mas nunca mais seria o mesmo.

Lucy abriu a boca para dizer a Thea que voltasse a subir e aguardasse, mas sabia que seria errado. Então levantou-se e estendeu a mão à neta.

— Dá-me a mão.

Deixaram o chá sobre a mesa e, de mãos dadas, encaminharam-se para a porta.